



POLÍTICA PARA A SALVAGUARDA E A PROTEÇÃO DE MENORES E ADULTOS VULNERÁVEIS

Dimensão Formativa



Rede Mundial de Oração do Papa



Este documento é o resultado do trabalho da equipe internacional do Movimento Eucarístico Jovem (Rede Mundial de Oração do Papa) preparado entre abril de 2019 e julho de 2020.

Pode ser copiado e distribuído livremente, sempre que inclua uma referência da origem.

A versão digital pode ser baixada em <https://www.popesprayer.va>

Versão 1.0

31 de julho de 2020, Santo Inácio de Loyola



Dimensão Formativa

ÍNDICE

Preâmbulo.....	7
1. Definição, sinais e exemplos de diversos tipos de abuso	7
1.1 Definição de abuso físico.....	8
1.2 Definição de abuso psicológico.....	8
1.3 Definição e reconhecimento dos abusos sexuais	8
1.3.1 Definição.....	8
1.3.2 Reconhecimento	9
1.4 Definição de exploração sexual.....	10
1.5 Definição de negligência.....	10
2. Fatores de risco e proteção	11
3. Sinais e fatores relacionados ao abuso	13
4. Seminários práticos	17
4.1 Eleição do Orientador do seminário.....	17
4.2 Desenho do seminário.....	18
4.3 Temas dos seminários.....	18
Anexos	21
Seminário 1 “Compreender o abuso sexual de menores”	21
Materiais Seminário 1 “Compreender o abuso sexual sobre menores”	25
Seminário 2 “Autocuidado dos menores”	34
Material do Seminário 2 "Autocuidado do menores"	38

Referencias bibliográficas

Este documento foi preparado a partir da contribuição das equipes nacionais do MEJ e de outros manuais, desenvolvidos por grupos de trabalho vinculados à Companhia de Jesus. A referência destes textos foi fundamental no desenvolvimento de nossa política. A seguir, constam as referências bibliográficas destes documentos:

MANUAL SPC: Sistema de Proteção e cuidado de menores e adultos vulneráveis (Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 2018);

Guia Básica de Prevención del Abuso Sexual Infantil (Corporación ONG Paicabí Gobierno Regional Quinta Región Servicio Nacional de Menores Quinta Región, 2002);

Policy for Safeguarding Children and Vulnerable Adults (Australian Province of the Society of Jesus, 2015);

Jesuit Procedures for Safeguarding Children (Irish Province of the Society of Jesus, 2017);

JRS Child Safeguarding Policy (Jesuit Refugee Service, 2017).

Preâmbulo

O **objetivo** do documento “Dimensão Formativa” é ajudar cada colaborador do Movimento Eucarístico Jovem (MEJ) a compreender as diversas formas de abuso e a aumentar sua capacidade de indentificar (e agir sobre) o abuso de Menores e Adulto Vulneráveis, tanto dentro quanto fora das atividades e/ou estruturas do MEJ.

Também são mencionados alguns fatores de risco e proteção, assim como os tipos de “medidas preventivas” que podem evitar ou mitigar os efeitos do abuso. Por último, falaremos dos mitos relacionados com diversos tipos de “abuso”, a fim de reduzir seu impacto com uma informação mais objetiva.

1. Definição, sinais e exemplos de diversos tipos de abuso¹

Por **violência e abuso sobre menores** (ou adultos vulneráveis²) se entende *“toda forma de violência, desprezo ou brutalidade física ou mental, descuido ou negligência, maus tratos ou exploração, incluindo a violência sexual”* (Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, 1989)³.

A Organização Mundial da Saúde oferece uma definição de violência e abuso contra as crianças, identificando-a como *“o uso intencional da força ou poder físico, ameaça ou real, sobre as crianças (ou adultos vulneráveis) por parte de um indivíduo ou grupo, que tem ou pode ter consequências prejudiciais ou reais, para a saúde, a vida, o desenvolvimento ou a dignidade dos menores (ou adultos vulneráveis)”*. (“Informe mundial sobre a violência e a saúde”, 2002)⁴.

O abuso se divide geralmente nas seguintes categorias:

- Abuso físico;
- Abuso psicológico;
- Agressão sexual;
- Negligência (forma passiva).

Um Menor ou um Adulto Vulnerável pode ser objeto de mais de uma forma de abuso ao mesmo tempo.

O abuso geralmente ocorre no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e/ou poder.

¹Este capítulo foi redigido a partir do documento:

JRS Child Safeguarding Policy (Jesuit Refugee Service, 2017)

²Ver a definição de “adultos vulneráveis” em “Política de salvaguarda e proteção de menores e adultos vulneráveis - Dimensão preventiva”

³Unicef (1989), *Convention on the Rights of the Child – CRC*(art. 19)

⁴World Health Organization (2002), *World report on violence and health*

Observe-se que a existência de um ou mais dos indicadores enumerados nas definições que constam a seguir não é suficiente para determinar uma situação de abuso (normalmente corresponde ao especialistas determinar essa incidência), mas sua presença pode ser e deve despertar um alerta. Muitas vítimas também podem apresentar indicadores de diversos tipos de abuso.

1.1 Definição de abuso físico

O abuso físico é a consequência de qualquer ação não acidental, isolada ou repetida dos cuidadores ou outras pessoas que causa (ou pode causar) dano físico. Pode implicar um castigo físico, o uso de força prejudicial contra a pessoa, e também permitir ou causar um risco substancial de dano significativo.

1.2 Definição de abuso psicológico

O abuso psicológico deriva da privação de um entorno seguro e bem-estar emocional que é indispensável para o crescimento, o desenvolvimento e o comportamento equilibrado do adulto ou menor vulnerável. Inclui diversas situações, desde a precariedade dos cuidados ou afetos adequados a idade e condição pessoal, até a rejeição emocional completa, passando pela desvalorização contínua da vítima, com frequentes repercussões negativas em nível de conduta, psicológico e emocional.

1.3 Definição e reconhecimento dos abusos sexuais

1.3.1 Definição

O abuso sexual é o uso que um suspeito de violência sexual (pai, parente, cuidador, companheiro, estranho, etc.) faz a um Menor ou Adulto Vulnerável para satisfazer seus desejos sexuais, estando em uma posição de poder ou autoridade.

Consiste em práticas em que a vítima:

- Não tem a capacidade de entender que está sendo abusada;
- Dando-se conta de que é abusada, não tem a capacidade de comunicar o abuso sexual;
- Não pode dar seu consentimento livre e ciente.

Nota: O consentimento dado por um menor não é de nenhuma maneira justificativa.

Podem distinguir dois tipos de abuso sexual:

- **Abuso sexual sem contato físico:** inclui linguagem sexual inapropriada, atos de natureza exibicionista, visualização de conteúdo pornográfico, exibição de órgãos sexuais, masturbação

ou realização intencional do ato sexual na presença da vítima para obter gratificação sexual, etc.;

- **Abuso sexual com contato físico:** o contato sexual tem lugar tocando intencionalmente as zonas erógenas da vítima; ou forçando, encorajando ou permitindo que a vítima o faça nas zonas erógenas do autor; ou mediante a penetração (vaginal ou anal) do órgão sexual masculino ou outros objetos, ou mediante sexo oral.

1.3.2 Reconhecimento

A existência de uma dinâmica relacional específica entre a vítima (especialmente em caso das crianças ou jovens) e o abusador complica o diagnóstico e a revelação do abuso, contribuindo para a perpetuação dos atos de violência sexual ao longo do tempo.

A seguir, são apresentados exemplos de **obstáculos** ou **dificuldades** que podem impedir a revelação ou a notificação da experiência de vitimização sexual:

- Ausência de provas médicas (por exemplo lesões físicas) e biológicas (por exemplo fluidos corporais) associadas à agressão sexual;
- Medo do agressor pela diferença de poder físico ou psicológico;
- Relação prévia com o agressor;
- Sentimentos de vergonha e auto culpa da vítima;
- Medo por ser desacreditado e/ou tentativas prévias sem sucesso de divulgação;
- Medo do estigma social;
- Medo da separação da família de origem ou a desintegração.

O **agressor** também pode **utilizar estratégias** para **manter** em segredo a **situação de violência**, atrasando ou impedindo a revelação da situação de violência e favorecendo a repetição desta. Exemplos destas estratégias são:

- Criação de **laços emocionais** com o Menor ou o Adulto Vulnerável, através dos quais os atos de violência sexual são interpretadas como demonstrações naturais de afeto (por exemplo colocando o menor no colo, beijando-o e abraçando-o para consolá-lo);
- Proporcionar ao Menor ou Adulto Vulnerável **acesso a bens materiais** que não poderia obter de outro modo, com o fim de o convencer dos atos de violência sexual e/ou assegurar seu silêncio e condescendência depois da ocorrência de um comportamento violento (por exemplo jogos, equipamentos eletrônicos, roupas, doces, sorvetes, dinheiro);

- Recorrer a **surpresa**, atuando de forma inesperada para que o Menor ou o Adulto Vulnerável não tenha tempo de reagir ou se defender (por exemplo aparecer na cama, dizendo que não faça ruídos para não despertar aos que os rodeiam);
- Uso de **ameaça**, **força** ou **agressão psicológica** para obrigar o Menor ou Adulto Vulnerável a cometer atos de violência sexual (por exemplo “se não fizer isso, machucarei seus pais/irmãos”, “ninguém gosta de você”).

1.4 Definição de exploração sexual

Indica o abuso de um Menor e/ou Adulto Vulnerável mediante o uso de uma posição de poder ou relação de confiança para obter benefícios sexuais. O Menor e/ou Adulto Vulnerável pode sentir-se impotente e que não tem outra opção além de aceitar. Também se refere à captação de menores com fins lucrativos.

1.5 Definição de negligência

A negligência é a incapacidade de proporcionar à Menor ou ao Adulto Vulnerável as necessidades básicas de segurança, higiene, nutrição, afeto, educação e saúde, necessárias para o pleno desenvolvimento de seu potencial e para o exercício de seus direitos. Em geral, o descuido é contínuo a longo prazo e deve-se à incapacidade ou falta de vontade dos pais ou cuidadores para satisfazer essas necessidades.

2. Fatores de risco e proteção⁵

O risco de perpetuar o abuso está associado a uma série de **fatores de risco individuais, familiares e sociais** vinculados tanto à vítima como ao agressor. Estes fatores por si só não provam a existência do abuso, mas apenas indicam uma maior probabilidade de se realizar.

Por outra parte, existem **fatores de proteção**, inclusive em nível **individual, familiar e social**, que apoiam e promovem o desenvolvimento da Menor ou Adulto Vulnerável e podem reduzir ou até eliminar a possibilidade de sofrer abuso e sua repetição, e o impacto desse sofrimento.

Ainda há **fatores agravantes**, como os acontecimentos ou novas circunstâncias na vida da criança ou adulto vulnerável, a família ou os cuidadores que alteram a dinâmica entre os fatores de risco e a proteção, e podem fazer a vítima mais vulnerável perante possíveis situações de abuso.

Aconselha-se aos colaboradores que observem ativamente a evolução dos fatores de risco e de proteção e, ao mesmo tempo, que assessorem, formem e apoiem as famílias e/ou cuidadores.

A Tabela 1 da próxima página mostra os fatores de risco, proteção e agravantes, para haver indicações adicionais de seu reconhecimento.

⁵Este capítulo foi redigido a partir de material do documento:
MANUAL SPC: Sistema de Proteção e cuidado de menores e adultos vulneráveis (Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 2018; p. 37)

Tabela 1 - Fatores de risco, proteção e agravamento

FATORES DE RISCO	FATORES DE PROTEÇÃO	FATORES AGRAVANTES
<p>Em relação à vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ter sido/ser indesejado; ▪ Nascimento prematuro/baixo peso; ▪ Insatisfação das expectativas dos pais (sexo, estado de saúde, caráter, etc.); ▪ Problemas de conduta (agressividade, oposição, mentiras, abstenção escolar, etc.); ▪ Temperamento difícil; ▪ Falta de educação sexual; ▪ Baixa autoestima; ▪ Necessidade de afeto e/ou atenção; ▪ Atitude passiva; ▪ Dificuldade para se comportar de forma assertiva; ▪ Tendência à submissão; ▪ Pouca capacidade de decisão; ▪ Isolamento, afastamento social ou timidez; ▪ Enfermidades crônicas ou transtornos do desenvolvimento; ▪ Dependência excessiva ou desprendimento traumático. <p>Em relação ao contexto familiar/local:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Falta de habilidades parentais; ▪ Viver em uma casa de acolhida ou em um orfanato; ▪ Cuidadores vítimas de abuso infantil; ▪ Transtornos emocionais, mentais ou físicos que impeçam reconhecer e responder adequadamente às necessidades da criança; ▪ Disciplina muito rígida e autoritária, ou inconsistente; ▪ Histórico de ambiente violento e/ou antissocial; ▪ Desajuste psicossocial/comportamento dependente (abuso de substâncias, crime, prostituição, etc.); ▪ Ausência prolongada de outros cuidadores; ▪ Família disfuncional; ▪ Relações familiares conflitantes; ▪ Falta de apoio social e familiar; ▪ Falta de condições de vida; ▪ Incapacidade de buscar/utilizar os recursos da comunidade; ▪ Insegurança econômica/pobreza. 	<p>Em relação à vítima:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Bom nível de desenvolvimento geral; ▪ Bom temperamento; ▪ Vínculo afetivo positivo com a família ou cuidador; ▪ Capacidade para resolver problemas e/ou pedir ajuda quando necessitar; ▪ Êxito escolar; ▪ Desejo de autonomia e comportamento positivo; ▪ Pertencer a um grupo de amigos. <p>Em relação ao contexto familiar/social:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Boas habilidades como pai/mãe; ▪ Família organizada, com regras e boas práticas de educação e acompanhamento; ▪ Uma boa rede de apoio familiar e social; ▪ Boa integração na comunidade; ▪ Possibilidade de acesso aos serviços de apoio da comunidade (serviços sociais, educação, saúde, etc.); ▪ Segurança econômica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rupturas e reagrupamentos familiares (separação, divórcio, etc.); ▪ Uma enfermidade grave e repentina; ▪ Luto; ▪ Assistência a pessoas dependentes; ▪ Mudança repentina na situação econômica e de emprego; ▪ Desemprego; ▪ Migração; ▪ Perda da tutela por parte dos pais/cuidadores; ▪ Encarceramento ou prisão; ▪ Desastre natural; ▪ Conflito social.

3. Sinais e fatores relacionados ao abuso⁶

Neste capítulo informamos o conjunto de **sinais e fatores** relacionados aos abusos e os **mitos** associados a eles.

Que tipo de menor pode ser vítima de abusos sexuais?

Todo menor pode ser vítima de abusos sexuais. Não existe um perfil ou características específicas que sejam determinantes para que um tipo de menor seja abusado e outros não. Os abusos sexuais contra os menores se realizam em todos os países, culturas, religiões e níveis socioculturais, e afeta menores de diferentes idades. Entretanto, foram identificados alguns fatores de risco (ver Tabela 1 na página anterior) que são mais comuns em situações nas quais atos de abuso sexual contra menores acontecem com mais frequência.

O que acontece a um menor vítima de abusos sexuais?

As consequências para um menor que foi vítima de abusos sexuais são inúmeras. Estas consequências podem variar de um menor para outro, dependendo de suas características. Entretanto, na Tabela 2 algumas principais estão resumidas.

Quem abusa sexualmente de menores?

Não existe um agressor sexual infantil “típico”. Entretanto, a maioria das agressões sexuais provêm de pessoas do entorno da vítima: parentes, conhecidos da família, vizinhos, professores, etc. No geral, o abusador é uma pessoa próxima da vítima e tem uma relação de autoridade com o menor, caracterizada pelo respeito e confiança.

Quais são as convicções errôneas que existem em relação ao abuso sexual infantil?

Em muitas culturas existe uma série de mitos que contribuem para a invisibilidade do abuso sexual infantil e para seu aparecimento e manutenção. Trataremos de alguns deles a seguir:

O abuso sexual apenas acontece quando há violação ou penetração por parte do abusador

Falso

O termo “abuso sexual” implica uma série de condutas sexuais que têm lugar com o menor, incluindo a violação, porém existem outras formas de abuso, todas as quais são consideradas abuso sexual.

⁶Este capítulo foi redigido a partir do material no documento:

Guía Básica de Prevención del Abuso Sexual Infantil (Corporación ONG Paicabí Gobierno Regional Quinta Región Servicio Nacional de Menores Quinta Región, 2002; par. “1. Fundamentos conceptuales”)

***O abuso sexual contra
menores é pouco frequente
ou não existe***

Falso

O abuso sexual de menores é uma forma de abuso que é muito extensa em nossa sociedade. Entretanto, mesmo o temor das vítimas de revelar, assim como a preocupação de pais/mães e cuidadores quando suspeita de uma situação de abuso, significa que a porcentagem de casos denunciados é inferior ao número real de casos.

***Apenas pessoas
alcoolizadas, drogadas ou
perturbadas mentalmente
abusam de menores***

Falso

A suposição de que atrás de cada agressor existe uma patologia psiquiátrica ou vício é errônea; todas as pessoas são capazes de abusar de menores, dependendo das circunstâncias. Por outro lado, grande parte dessas pessoas com vícios ou enfermidades mentais não maltratam menores.

O abuso é fácil de detectar

Falso

A crença de que o abuso é facilmente detectável é errônea. Existem diversas razões que impedem a identificação do abuso, tais como: o medo de castigo por parte do menor, as ameaças do agressor ao menor; a crença do menor de que ninguém acredite e que o culpem pelo ocorrido; o fato de que não estamos preparados para enfrentar uma realidade como esta, o que faz mais fácil pensar que não está realmente acontecendo, que não vemos, que deve haver um erro, ou que simplesmente estamos exagerando quando temos uma suspeita.

***Os menores costumam
mentir quando dizem que
estão sendo abusados***

Falso

A probabilidade de que um menor invente uma situação de abuso sexual é muito baixa, pois quando um menor diz que algo assim aconteceu, o mais provável é que se trate de uma situação de abuso real.

***O abuso infantil só
acontece quando existe
pobreza***

Falso

O abuso sexual de menores ocorre em todas as classes sociais e em todos os estratos socioculturais. O que acontece é que as classes com mais recursos econômicos tendem a ocultar ainda mais a situação, de modo que se apresentam menos queixas a órgãos públicos ou privados.

***O abuso é causado pela
vítima***

Falso

Qualquer tipo de comportamento de um menor vítima de uma situação de abuso pode ser entendido pelo agressor como uma provocação, como uma forma de justificar seu comportamento. No entanto, por trás dessa crença apenas existe a intenção de culpar a vítima pelo comportamento abusivo.

***O abuso de menores
acontece em lugares
solitários e escondidos***

Falso

A maioria das agressões sexuais cujas vítimas são menores de idade são cometidas por pessoas conhecidas e, por isso, acontecem geralmente em espaços familiares de seu entorno e a qualquer hora do dia.

***O abuso sexual atinge
crianças maiores ou
adolescentes***

Falso

O abuso sexual pode atingir menores de diversas idades; o grupo mais vulnerável é formado por menores de 12 anos, e acontecem casos de abuso sexual inclusive em grupos de idade menores de 2 anos.

Tabela 2– Consequências dos abusos sexuais

CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS	CONSEQUÊNCIAS COGNITIVAS	CONSEQUÊNCIAS COMPORTAMENTAIS E FÍSICAS
Período curto da situação de abuso ou estágio inicial do início do abuso.		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mudança de comportamento; ▪ Sentimentos de tristeza e impotência; ▪ Mudanças de humor repentinos; ▪ Irritabilidade; ▪ Rebeldia; ▪ Medos; ▪ Vergonha e culpa; ▪ Ansiedade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Baixo rendimento escolar; ▪ Dificuldade de atenção e concentração; ▪ Desmotivação nas tarefas escolares; ▪ Desmotivação geral. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comportamento agressivo; ▪ Rejeição a figuras adultas; ▪ Isolamento social; ▪ Hostilidade contra o agressor; ▪ Medo do agressor; ▪ Gravidez precoce; ▪ Doenças sexualmente transmissíveis.
A Médio Prazo		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Depressão oculta ou manifesta; ▪ Transtorno de ansiedade; ▪ Transtorno do sono (pavor noturno; insônia); ▪ Transtornos alimentares (anorexia, bulimia, obesidade); ▪ Alteração no desenvolvimento sexual; ▪ Medo da expressão sexual; ▪ Intenção de suicídio ou pensamentos suicidas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de anos escolares; ▪ Transtornos de aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fuga de casa; ▪ Abandono escolar; ▪ Consumo de drogas e álcool; ▪ Atividade criminal; ▪ Excessivo interesse em jogos sexuais; ▪ Masturbação compulsiva; ▪ Gravidez; ▪ Doenças sexualmente transmissíveis.
A longo prazo		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Disfunção sexual; ▪ Baixa autoestima; ▪ Estigma, sentir-se diferente dos demais; ▪ Depressão; ▪ Diversos distúrbios emocionais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fracasso escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prostituição; ▪ Promiscuidade sexual; ▪ Alcoolismo; ▪ Vício em drogas ▪ Delinquência; ▪ Desajuste social; ▪ Relações familiares conflituosas.

4. Seminários práticos⁷

A **capacitação** e a **sensibilização** do maior número possível de pessoas da comunidade acerca da proteção dos Menores e Adultos Vulneráveis é um fator essencial para gerar uma rede eficaz de proteção contra todos os tipos de abuso.

Neste capítulo daremos **exemplos de seminários de capacitação** relacionados à proteção de Menores e Adultos Vulneráveis.

Cada país se encarregará de capacitar seus colaboradores, pais/mães e cuidadores na prevenção do abuso e proteção de Menores e Adultos Vulneráveis, adaptando o conteúdo a cada cultura. No entanto, cada sede nacional do MEJ trabalhará, sempre que seja possível, com instituições eclesiais e organizações especializadas na proteção e salvaguarda de menores.

4.1 Eleição do Orientador do seminário

Em primeiro lugar, será importante eleger um **Orientador** que tenha as seguintes características para que estes seminários sejam realmente efetivos:

- Deve ser orientado sobre o conteúdo temático com o qual trabalhará (abuso sexual, sexualidade infantil, direitos da criança e práticas de autoproteção da criança), e princípios éticos de acordo com o tema a tratar;
- Deve ter a capacidade de liderar grupos, tanto de crianças como de adultos, a fim de promover um ambiente de intimidade, em que garanta o respeito da confidencialidade das experiências partilhadas;
- Deve promover a experiência de aprendizagem dos participantes, num contexto não-directivo, mas que se concentre na escuta activa e incentive a participação dos membros do grupo;
- Devem ter capacidades de comunicação que facilitem a expressão dos participantes, evitando juízos de valor que possam inibir a expressão dos próprios membros.

⁷Este capítulo foi redigido a partir do material no documento:

Guía Básica de Prevención del Abuso Sexual Infantil (Corporación ONG Paicabí Gobierno Regional Quinta Región Servicio Nacional de Menores Quinta Región, 2002; par. "2. Fundamentos metodológicos para un programa preventivo en abuso sexual infantil")

4.2 Desenho do seminário

A **configuração do seminário** é essencial para dar uma estrutura clara a cada sessão de trabalho que facilite a motivação dos participantes. Esta tarefa requer o planeamento de cada sessão, assim como sua avaliação. Entretanto, é necessário que o planeamento seja flexível, de maneira que se respeite os processos particulares de cada grupo e se adapte às suas necessidades.

É aconselhável fazer, especialmente com os adultos, um breve **diagnóstico do nível de conhecimento do tema** que será tratado (ver Anexo 1.A). Esta tarefa ajuda a facilitar o planeamento das sessões de trabalho e a otimizar o tempo. Deve ser um processo leve e útil, não uma prova ou uma mera avaliação. Pode ser feito na primeira sessão de trabalho ou em uma reunião antes do começo do seminário.

A configuração e execução de qualquer seminário deve-se adaptar ao **contexto específico** em que se desenvolverá, por isso é extremamente importante conhecer as características do grupo com o qual se trabalhará, seus interesses e motivações. Também é essencial **acolher a visão dos próprios participantes**, sejam menores ou adultos, mediante a promoção de espaços de opinião e expressão, de modo que a ação preventiva se traduza em um verdadeiro diálogo de comunicação entre os participantes e não em uma espécie de monólogo de um especialista a um grupo de observadores.

Outro aspecto que se deve prestar atenção é que a **participação** nos seminários é **por vontade própria** e não por obrigação, deixando claro desde o princípio quais são os temas tratados e de que maneira.

4.3 Temas dos seminários

Os temas sobre os quais os seminários se concentram são:

Abuso sexual infantil (direcionado a pais/mães, cuidadores, colaboradores, responsáveis, etc.)

Esta área temática abrange as **dimensões descritivas, sociais, psicológicas e jurídicas** da ocorrência de abuso sexual de Menores e Adultos Vulneráveis, que devem ser levados em conta para promover a prevenção deste problema.

Os conteúdos específicos que devem ser incluídos são: a) denúncias de abuso sexual de Menores e Adultos Vulneráveis, b) tipos de abuso de Menores e Adultos Vulneráveis, c) indicadores que facilitem detectar o abuso de Menores e Adultos Vulneráveis, d) conhecimento das consequências para as vítimas, e) contexto jurídico relativo ao abuso de Menores e Adultos Vulneráveis, f) modalidades processuais para a tramitação dos casos.

O objetivo fundamental deste eixo temático é **sensibilizar o grupo** sobre o problema e **promover o diagnóstico precoce de possíveis casos de abuso**, assim como **facilitar a mobilização das primeiras ações de confronto**.

Autocuidado do menor (direcionado aos menores)

Este seminário tem como objetivo **capacitar e fortalecer as ferramentas para a autoproteção dos menores em seu contexto evolutivo**. Estas ferramentas implicam o reconhecimento e o desenvolvimento de atitudes necessárias para fazer frente a situações de ameaça ou perigo e a diferenciação das experiências de segurança pessoal.

O conteúdo desta capacitação é a) cuidados pessoais; b) identificação de situações de ameaça pessoal; c) pautas de comportamento de autoproteção.

Além disso, o objetivo é **encorajar os menores a identificar situações de ameaça ou vulnerabilidade pessoal** e a **elaborar estratégias de comportamento eficazes** para sua **segurança e proteção**.

Educação sexual (direcionado aos menores)

Este eixo temático considera a **formação sobre o desenvolvimento sexual infantil** (emoldurado no respeito da afeição individual) e a visualização da sexualidade como partes fundamentais do desenvolvimento humano, integradas no **processo de aprendizagem emocional**. Inclui os seguintes conteúdos específicos: a) identidade básica; b) distinção sexual básica; c) funções associadas às diferenças sexuais; d) desenvolvimento sexual.

O objetivo fundamental deste eixo temático é **integrar o conhecimento e a familiarização com a própria identidade corporal nos processos de aprendizagem da criança** e tratar de **incentivar o contato entre a criança e suas experiências e padrão corporal**. Isto se deve porque, como sinalizado anteriormente, a educação sexual das crianças é um fator de proteção contra a perpetuação do abuso (sexual).

Nos anexos que constam ao final do presente documento se encontram exemplos de seminários relacionados com os dois primeiros temas apresentados, “Abuso sexual de crianças” para adultos e “Autocuidado de menores”. Não oferecemos material específico relacionado com o terceiro tema “Educação sexual”, pois corresponderá a cada sede nacional escolher como tratar este tema.

A razão desta decisão é que cada país, segundo seu contexto sociocultural e segundo os grupos do MEJ, pode colocar-se em contato com as associações eclesiais e civis competentes locais a fim de escolher a forma mais adequada de tratar o tema.

Anexos

Seminário 1 “Compreender o abuso sexual de menores”⁸

Objetivo	Sensibilizar e promover o conhecimento do abuso sexual de menores
Destinatários	Famílias, Cuidadores, Responsáveis e/ou Animadores
Duração	4 sessões de 1h30 cada uma

Encontro 1: “Conhecer-se...”

Seções	Modalidade
Boas vindas	Boas vindas aos participantes
Apresentação	<ul style="list-style-type: none">▪ Apresentação dos gestores.▪ Explicação das características gerais do seminário.▪ Os participantes formam duplas, perguntando mutuamente quem são, o que fazem, o que gostam, quais são suas características pessoais, etc.▪ Cada dupla se posiciona no centro do grupo e se apresenta de forma “cruzada”. Cada membro da dupla dá toda informação possível de seu par. <p>O grupo pode fazer perguntas ao final da apresentação de cada dupla. Duração: 10 minutos (adaptar segundo o número de participantes)</p>
“O que você espera desse seminário?”	<p>Cada ideia apresentada pelos participantes é recolhida e escrita em uma lousa.</p> <p>Objetivo: identificar as experiências do grupo e compartilhá-las para estabelecer um acordo sobre a forma em que o seminário será conduzido.</p>
Encerrar a sessão	Informar aos participantes sobre os objetivos do seminário e o conteúdo tratado, integrando as ideias da fase anterior.
Materiais	Uma folha de papel e uma lousa. Giz ou canetas/marcadores.

⁸Este seminário tem como base o documento:

Guia Básica de Prevención del Abuso Sexual Infantil (Corporación ONG Paicabí Gobierno Regional Quinta Región Servicio Nacional de Menores Quinta Región, 2002; par. “3. Unidad didáctica: prevención del abuso sexual infantil”).

Encontro 2: O que é o abuso sexual infantil?

Seções	Modalidade
Boas vindas	
Identificação dos abusos sexuais	<ul style="list-style-type: none">Formar grupos de 5 a 8 participantes.Cada grupo identifica as situações que caracterizam abuso sexual ou não, utilizando um jogo de cartas (Anexo 1.B: Conjunto de cartões).Cada grupo, depois de ter escolhido um representante, apresenta ao grupo em geral as duas listas elaboradas: a lista de situações de abuso sexual e as que não são de abuso sexual. O Orientador registra os principais elementos de cada lista em uma tabela ou lousa (Anexo 1.C: Identificar situações de abuso sexual de menores).Depois de registrar todos os elementos, o Orientador abre um debate sobre algumas situações em que os grupos não estão de acordo, pergunta a eles quais foram suas dúvidas e por quê. <p>Objetivo: adquirir conhecimento para identificar situações de risco que podem dar lugar a abusos, discernindo-as das que não são.</p>
Resumo	O Orientador devolve ao grupo os elementos que surgiram na sessão anterior com base no conteúdo do capítulo 1 do presente documento.
Encerrar a sessão	Informar aos participantes sobre os objetivos do seminário e o conteúdo que será tratado, integrando as ideias da fase anterior.
Materiais	Folhas de papel Marcadores ou canetas Folhas de papel cartão Imprimir as definições do capítulo 1 deste documento Jogo de cartas A para cada grupo (Anexo 1.B: Conjunto de cartões)

Encontro 3: O que acontece a um menor abusado sexualmente?

Seções	Modalidade
Boas vindas	
“A história de Adele”	<ul style="list-style-type: none">Formar grupos de 5 a 8 participantes.Usar como base “A historia de Adele” (Anexo 1.D: Identificação das consequências do abuso sexual nas crianças “A história de Adele”) responder às seguintes perguntas:<ul style="list-style-type: none"><i>O que aconteceu com Adele?</i><i>O que podia Adele sentir?</i><i>Por que você acha que ela se sente assim?</i><i>O que você acha que pode acontecer a ela no futuro?</i>Cada grupo, depois de escolher um representante, apresenta as respostas das perguntas ao restante do grupo. O Orientador registra os elementos principais de cada resposta em uma tabela/lousa.Depois, o Orientador abre um debate sobre os pontos mais importantes da história e as respostas dos participantes. <p>Objetivo: identificar as emoções que um menor pode sentir como resultado de um abuso sexual ou agressão.</p>
Resumo	O Orientador apresenta as principais consequências emocionais, cognitivas e comportamentais de uma criança diante da experiência de ter sido vítima de abuso sexual (ver Tabela 2 - Consequências dos abusos sexuais).
Materiais	Impressão da Tabela 2 - Consequências do abuso sexual Folhas de papel Marcadores ou canetas Cópias de “A história de Adele” para cada grupo (Anexo 1.D: Identificação das consequências do abuso sexual nas crianças “A história de Adele”)

Encontro 4: O que podemos fazer em uma situação de abuso sexual?

Seções	Modalidade
Boas vindas	Nesta sessão é importante que o Orientador destaque os conteúdos abordados nas sessões anteriores fazendo um breve resumo, para que os participantes se sintam motivados a pôr em prática nesta sessão.
“Ver embaixo d’água”	<ul style="list-style-type: none">Os participantes se reúnem em pequenos grupos. Pedir a cada grupo que leia atentamente o caso dado (Anexo 1.E: Atividade “Ver embaixo d’água”) e que responda em grupo às seguintes perguntas <i>O que acontece aos dois meninos?</i> <i>Qual foi a atitude deles?</i> <i>Quem está envolvido na situação descrita?</i> <i>Quais atitudes ou ações são corretas e quais não?</i> <i>O que fez cada um dos participantes?</i> <i>O que você faria se estivesse em uma destas situações?</i>Cada representante do grupo lê o próprio trabalho para os outros participantes. O Orientador toma notas dos pontos chave dos grupos e faz perguntas ou abre um debate se as respostas forem diferentes. <p>Objetivo: facilitar a identificação dos indicadores de abuso sexual nos menores e as medidas mais apropriadas para tratar um caso de abuso sexual.</p>
Resumo	O Orientador encerra a sessão destacando o papel que desempenham os adultos como agentes de proteção de uma infância e proporciona informações sobre organizações ou instituições às quais se pode consultar em caso dos participantes enfrentarem uma suspeita de abuso.
Avaliação do Seminário	Pedir aos participantes que avaliem a atividade como um todo e que deem opinião sobre elementos específicos (Anexo 1.F: Questionário de avaliação da atividades).
Materiais	Fichas (Anexo 1.E: Atividade “Ver embaixo d’água”) Lousa Canetas ou marcadores Folhas de avaliação (Anexo 1.F: Questionário de avaliação da atividades)

Materiais Seminário 1 “Compreender o abuso sexual sobre menores”

Anexo 1.A: Questionário de conhecimento dos participantes do seminário

O propósito deste questionário é conhecer a você e seus interesses para considerar uma possível participação em um seminário de capacitação de pais e cuidadores. A informação aqui fornecida será muito importante, por isso agradecemos a compreensão. Os dados fornecidos são confidenciais e serão tratados exclusivamente pelos organizadores da atividade.

Gênero ☐ Homem
☐ Mulher

**Qualificação
educacional**

Idade

Profissão

**Interessa assistir a um seminário para aprender sobre a realidade do abuso sexual infantil?
(Marque uma das casas abaixo)**

Muito	Bastante	Pouco	Nada
-------	----------	-------	------

Já assistiu a algum seminário, conferência ou curso sobre abuso sexual infantil?

☐ Não

☐ Sim Quando: Lugar:

Como avalia seu conhecimento sobre abuso sexual infantil? (marque uma das opções)

Muito bom	Bom	Médio	Pouco
-----------	-----	-------	-------

Outros comentários:

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!

Anexo 1.B: Conjunto de cartões

1. Um vizinho convida um grupo de adolescentes para ver revistas pornográficas em sua casa.	6. Uma mãe dorme na mesma cama com seus filhos de 10 e 12 anos.
2. Uma vizinha pede a uma menina de 9 anos que a acompanhe para fazer compras, e no supermercado compra cigarro e álcool.	7. Dois colegas de escola de 14 anos vão ao banheiro da escola e tocam o pênis um do outro.
3. Um pai e uma mãe se acariciam e se beijam na frente dos filhos.	8. Uma mãe se despe diante dos filhos.
4. Uma mãe fala sobre educação sexual com os filhos de 13 e 15 anos. Diz a eles que antes de tudo têm que respeitar a si mesmos e às pessoas com quem se relacionam.	9. Uma professora ensina aos alunos de 12 anos o manual do corpo humano e ensina as diferentes partes do corpo da mulher e do homem, incluindo as partes genitais.
5. Um pai olha o corpo da filha de 15 anos enquanto ela toma banho.	10. Um professor diz a um/a aluno/a que ele/a é muito bonito/a.

Indicações para o Orientador

A seguir, se apresenta uma possível **explicação/guia** para o orientador sobre as situações apresentadas no conjunto de cartões.

Estas instruções são orientações e de nenhuma maneira são as únicas respostas corretas às perguntas. O importante é que os participantes pensem em suas respostas e que se possa gerar um diálogo para adquirir novas ideias e perspectivas.

1. *Um vizinho convida um grupo de adolescentes para ver revistas pornográficas em sua casa*

Se trata de uma forma de abuso sexual, já que se trata de um conteúdo que não deveria estar à disposição de menores, e menos ainda se um adulto os incita a fazê-lo. Além disso, o adulto pode fantasiar sexualmente com os menores, mesmo que não os toque fisicamente.

2. *Uma vizinha pede a uma menina de 9 anos que a acompanhe para fazer compras, e no supermercado compra cigarro e álcool*

É uma forma de abuso porque um adulto está mostrando a uma menor práticas que não são saudáveis e nem positivas para ela e aprenderá exemplos negativos que podem prejudicar seu futuro.

- | | |
|---|---|
| 3. <i>Um pai e uma mãe se acariciam e se beijam na frente dos filhos</i> | <p>Esta situação dependerá da forma que os pais mostram seu afeto e do contexto cultural de cada país.</p> <p>Em geral, um pai e uma mãe que mostram afeto de forma adequada na frente dos filhos é um exemplo positivo para os filhos.</p> <p>Os atos genitais sexuais ou similares realizados na frente das crianças são considerados inadequados, já que podem conduzir a uma visão distorcida da sexualidade.</p> |
| 4. <i>Uma mãe fala sobre educação sexual com os filhos de 13 e 15 anos. Diz a eles que antes de tudo têm que respeitar a si mesmos e às pessoas com quem se relacionam.</i> | <p>Esta situação dependerá da forma que a mãe ou o pai abordam este tema, se o fazem de uma maneira e linguagem adequados à idade dos filhos.</p> <p>Em qualquer caso, falar do respeito a si e aos demais no campo da educação sexual é importante e positivo.</p> |
| 5. <i>Um pai olha o corpo da filha de 15 anos enquanto ela toma banho.</i> | <p>Um pai não deve olhar sua filha nua, e precisa respeitar sua privacidade.</p> <p>Se a atitude de um pai que olha um de seus filhos nus se repete, devem ser avaliadas as razões de seus atos.</p> |
| 6. <i>Uma mãe dorme na mesma cama com seus filhos de 10 e 12 anos.</i> | <p>Exceto em casos de falta de recursos materiais, não é apropriado que uma mãe ou pai durmam na mesma cama que seus filhos depois de certa idade, mesmo que isto não está necessariamente relacionado ao risco de abuso.</p> |
| 7. <i>Dois colegas de escola de 14 anos vão ao banheiro da escola e tocam o pênis um do outro.</i> | <p>Nesta situação deve-se perguntar o motivo pelo qual os meninos fizeram isso.</p> <p>De qualquer forma, seria importante falar com os meninos para saber porquê e acompanhá-los se sentem a necessidade desse ato.</p> |
| 8. <i>Uma mãe se despe diante dos filhos.</i> | <p>As implicações desta situação dependem do contexto cultural e do caso individual.</p> <p>Por exemplo, em algumas famílias a nudez do corpo é vista como algo natural e sem inibição. Um critério a considerar é se as crianças se sentem incomodadas ou intimidadas pela nudez. Neste caso é importante que os cuidadores tratem a nudez com delicadeza e abram diálogo com os filhos sobre ela.</p> |
| 9. <i>Uma professora ensina aos alunos de 12 anos o manual do corpo humano e ensina as diferentes partes do corpo da mulher e do</i> | <p>Pode ser muito útil que os menores de 12 anos aprendam sobre seus corpos, incluindo os genitais. Sem dúvida é importante como se transmite esta informação e como o professor abordará o tema.</p> <p>O uso de uma forma ou linguagem inapropriados pode ter um impacto negativo sobre os estudantes.</p> |

homem, incluindo as partes genitais.

10. *Um professor diz a um/a aluno/a que ele/a é muito bonito/a.*

Em geral, um professor ou qualquer adulto não deve comentar sobre a beleza dos meninos e meninas mais jovens, exceto em situações particulares.

Nesta situação particular, o professor que tem uma relação de autoridade com a estudante pode abusar desta autoridade para expressar sua atração sexual pela aluno/a, o que seria totalmente inapropriado.

Anexo 1.C: Identificar situações de abuso sexual de menores

Situações de abuso sexual de menores	Situações não indentificáveis de abuso sexual de menores

Anexo 1.D: Identificação das consequências do abuso sexual nas crianças

“A história de Adele”

Me chamo Adele, tenho 9 anos, vivo em uma cidade chamada Campito, é um lugar muito bonito, onde tenho muitos amigos. Vivo com meu pai, minha mãe e meus irmãos, Cláudia de 11 anos, Viviane de 15 anos e Sérgio de 6 anos. Além disso, mora conosco minha avó Rosa, ou seja a mãe da minha mãe. Estou no terceiro ano, na verdade eu não vou muito bem na escola, repeti o ano passado, não sou uma boa aluna, é o que todos dizem.

Na minha casa a mais castigada é Viviane porque sai e não diz onde vai. Eu também sou castigada, mas menos, quase sempre por causa da escola. Quem mais se irrita é meu pai porque se alguém o incomoda logo ele dá uma bofetada ou um cascudo. Minha mãe também se irrita bastante, mas ela não nos bate, apenas grita e diz que vai nos castigar, mas se esquece, e no final continuamos saindo para brincar na rua.

Eu tenho muitos amigos, alguns na escola, como João e Denis, com eles brinco de pega-pega, duro-ou-mole e trocamos cartas de Pokemón, meus outros amigos são do meu bairro: Afonso, Júlio, Suzane e Pedro, eles eu conheço desde pequena porque moramos perto. O que eu mais gosto é de brincar de esconde-esconde, às vezes ficamos até tarde brincando.

Na minha casa eu me dou bem com minha avózinha Rosa, conto tudo o que faço e conto toda a verdade quando me comporto mal, e ela também me explica coisas de sua juventude e de quando meu avô Joaquim estava vivo. Ela está velhinha então não pode sair sozinha porque pode cair como diz minha mãe, por isso eu a acompanho para comprar pão e ir à feira.

Há um mês algo aconteceu, mas eu não contei a ninguém porque tenho vergonha, tem um homem que se chama Mário que vive a duas casas da minha, é meio amigo do meu pai e jogam futebol juntos às vezes. Ele vive com a Senhora Marluce que vende no quiosque. Esse senhor é um pouco estranho, sempre quando saíamos com as meninas nos dizia coisas estranhas como “que meninas bonitas e atraentes” ou perguntava se nossos pais estavam em casa. Um dia ele disse para a Suzane se ela queria ir ver umas revistas na casa dele, ele ia dar um presente que tinha, Susi se assustou e não foi.

Outro dia fomos com Susi incomodá-lo no quiosque quando a Senhora Marluce não estava e saímos correndo. Na outra tarde eu ia sozinha comprar ovos que minha mãe me pediu, meu pai ainda não tinha chegado em casa ainda, e só estava minha mãe. Na volta encontrei com Mário, ele estava meio bêbado eu acho porque falava estranho. Me disse para ir até sua casa porque meu pai estava lá, e que depois eu voltava com ele, eu me assustei um pouco, mas o acompanhei até sua casa, quando chegamos, meu pai não estava e eu quis ir embora, mas ele se irritou e me disse que esperasse ele ali. Eu não disse nada, ele agarrou meu braço com força e me jogou no sofá. Ele sentou ao meu lado e começou a falar coisas imundas.

Eu me assustei muito porque achava que ia me bater, ele subiu meu vestido e começou a me tocar, eu comecei a chorar, mas ele apertou meu braço tão forte que me deixou uma marca. Me disse para não chorar nem ter medo porque isso não era ruim e ninguém ia saber, mas eu tinha medo mesmo assim e chorava. Assim que eu disse que ia embora e tentei me livrar, ele se irritou e me deu uma bofetada, me empurrou e começou a me abraçar, a me tocar e a se mexer estranho, além disso me dizia coisas horríveis. Depois ficou tranquilo e me disse que se eu dissesse a alguém o que tinha acontecido meu pai ia se irritar e ia me bater, depois ele deixou que eu fosse embora, eu ainda chorava.

Quando cheguei em casa disse que tinha caído e por isso estava suja e que os ovos tinham quebrado, e que como iam me castigar não queria chegar em casa. Meu pai e minha mãe me castigaram e me mandaram ir dormir. Essa noite tive muitos pesadelos com Mário. No dia seguinte fingi estar doente para não ir à escola. Muito menos quis sair para brincar com meus amigos à tarde. Desde então quase não saio para brincar com o resto das crianças e pergunto para as meninas se viram Mário. Às vezes quando estou em casa e tocam a campainha me escondo caso seja ele. Minha mãe me diz que estou estranha e que se continuar assim vai me castigar. Susi disse outro dia que algo estava errado, pois eu não brincava mais com ela nem com as outras meninas, que estava chateada. Mas eu não me atrevo a dizer a ninguém porque não vão acreditar em mim e vão zombar de mim. Eu não quero mais ir para a escola porque posso encontrar o Mário no caminho. Às vezes sonho que conto para minha vózinha Rosa e ela não ri de mim. Mas nunca vou dizer nada a ninguém.

Atividades de grupo sobre “A história de Adele”

1. *O que aconteceu com Adele?*
2. *O que podia Adele sentir?*
3. *Por que, você acha, que ela se sente assim?*
4. *O que você acha que pode acontecer a ela no futuro?*

Instruções para o Orientador

A seguir, existe uma possível **explicação/guia** para o Orientador sobre as perguntas com relação à história de Adele.

Estas instruções são uma orientação e de nenhuma maneira são as únicas respostas corretas às perguntas. O importante é que os participantes reflitam sobre as respostas e que seja gerado um diálogo entre eles para que possam adquirir novas ideias e perspectivas:

- | | |
|---|---|
| 1. <i>O que aconteceu com Adele?</i> | Adele foi abusada fisicamente por seu vizinho Mário. A vergonha de Adele e a ameaça de Mário de que seus pais iriam castigá-la e bateriam nela se soubessem, a levaram a não contar a ninguém sobre o abuso. |
| 2. <i>O que podia Adele sentir?</i> | Apenas podemos imaginar como se sente Adele. Provavelmente vergonha, rejeição por si mesma, medo de sofrer outro abuso, impotência diante do ocorrido. |
| 3. <i>Por que, você acha, que ela se sente assim?</i> | Os estados emocionais de Adele estão relacionados ao grave trauma que sofreu, cujas consequências poderiam ser agravadas pela ausência de apoio emocional e psicológico de seus pais, que não parecem prestar atenção na angústia psicológica da filha. |
| 4. <i>O que você acha que pode acontecer a ela no futuro?</i> | Para entender a gravidade do abuso sexual e todas suas consequências emocionais, cognitivas, comportamentais e físicas, por favor consultar a Tabela 2 deste documento. |

CASO 1: PAULA

Paula tem 12 anos, ultimamente na escola está agindo de forma diferente da habitual. Antes era organizada e gostava de estudar, agora se a professora entrega tarefas ela não quer realizar os deveres nem trabalhar com a professora. Começou a tirar nota baixa.

A professora chama a mãe dela para saber o que está acontecendo. A mãe diz que deve ser porque um novo irmão está para nascer e que talvez isso a tenha influenciado.

Durante a semana a professora a castigava quase todos os dias, tirando-lhe o tempo para brincar, porque começava a brigar com os colegas. Em casa também era castigada e sua mãe começou a bater-lhe porque dizia não mais saber o que fazer com ela.

Um dia a professora de matemática a encontrou no banheiro da escola enquanto tocava a outra menina menor. A levaram até a sala da diretora e a suspenderam por dois dias. Paula nega ter feito isso, mas outras garotas da sala dizem à professora que já viram ela fazer “coisas” com outras meninas. A diretora pede à sua mãe que a tire da escola e diz que não renovará sua matrícula no ano seguinte.

CASO 2: MARCELO

Marcelo tem 7 anos. Sua mãe está preocupada porque começou a fazer xixi na cama cada vez com mais frequência. Começou a bater nele e diz que ele é muito grande para urinar na cama. Marcelo já não brinca com os meninos vizinhos e não participa das brincadeiras no pátio da escola como costumava fazer.

Seu professor tentou falar com ele que começou a chorar, pedindo que não o castigasse. O professor começou a prestar mais atenção nele e decidiu chamar sua mãe para falar sobre o que estava acontecendo.

A mãe teve um companheiro durante dois anos com quem Marcelo teve boa relação. Já há algum tempo Marcelo evita falar com ele, já não quer sair com ele, o que fazia com frequência. Sua mãe o repreende e diz que tem que sair porque é como um pai e que tem que obedecê-lo. Levaram Marcelo ao médico para entender o que estava acontecendo, mas o médico disse à mãe que tudo “é besteira”, que Marcelo é muito preguiçoso e que “às vezes as crianças devem ser tratadas com pulso firme”.

Atividade de grupo: “Ver embaixo d’água”

1. *O que acontece aos dois meninos?*
2. *Qual foi a atitude deles?*
3. *Quem está envolvido na situação descrita?*
4. *Quais atitudes ou ações são corretas e quais não?*
5. *O que fez cada um dos participantes?*
6. *O que você faria se estivesse em uma destas situações?*

Anexo 1.F: Questionário de avaliação da atividades

Marque a alternativa escolhida com uma cruz.

1. A organização geral do seminário pareceu:

MUITO BOA	BOA	NORMAL	RUIM	MUITO RUIM

2. Os temas tratados durante o seminário pareceram:

MUITO ADEQUADO	ADEQUADO	NORMAL	POUCO ADEQUADO	NADA ADEQUADO

3. A questão do abuso sexual de menores pareceu:

MUITO INTERESSANTE	INTERESSANTE	POUCO INTERESSANTE	NADA INTERESSANTE

4. Como considera o clima em que ocorreu o seminário?

MUITO POSITIVO	POSITIVO	NORMAL	NEGATIVO	MUITO NEGATIVO

5. O trabalho em equipe feito pareceu:

MUITO POSITIVO	POSITIVO	NORMAL	NEGATIVO	MUITO NEGATIVO

6. Como você qualifica o seminário?

MUITO POSITIVO	POSITIVO	NORMAL	NEGATIVO	MUITO NEGATIVO

7. O que pareceu interessante no seminário?

8. O que você melhoraria no seminário?

9. Comentários:

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!

Seminário 2 “Autocuidado dos menores”⁹

Objetivo	Promover a aprendizagem de noções de autocuidado e segurança pessoal do menor
Destinatários	Menores de 10-12 anos, colaboradores, pais/mães e/ou cuidadores
Duração	4 sessões semanais de 1h30 cada

Encontro 1: Conhecendo os menores

Seções	Modalidade
Boas vindas	Boas vindas aos participantes
Apresentação	<ul style="list-style-type: none">▪ Pedir aos participantes que formem duplas.▪ Todos terão que escolher um animal ou um objeto com que se identifique e explicar a razão desta escolha.▪ Cada membro da dupla apresenta o outro para o grupo conforme o animal ou objeto escolhido.
“O que você espera desse seminário?”	<p>Cada ideia abordada pelos participantes deve ser recolhida e registrada em uma lousa.</p> <p>Objetivo: identificar as expectativas do grupo e compartilhá-las para estabelecer um acordo sobre a forma em que se conduzirá o seminário</p>
“Quando éramos crianças”	<ul style="list-style-type: none">▪ O grupo se divide em dois.▪ Entregar a cada grupo um conjunto de cartões “Quando éramos crianças” (Anexo 2.A). Cada membro deve tirar um cartão e compartilhar sua experiência com os demais baseando-se na pergunta do cartão. Duração: Permitir tempo suficiente para que cada membro possa participar e compartilhar suas experiências e o Orientador possa supervisionar o processo▪ Finalmente, o orientador reúne o grupo e faz a seguinte pergunta: <i>Como você se sentiu ao recordar sua infância?</i> <p>Objetivo: facilitar o contato dos participantes com o mundo das crianças para se sentir mais próximos da experiência</p>
Resumo	<ul style="list-style-type: none">▪ O orientador trabalha junto ao grupo com base na seguinte pergunta: <i>Como são as crianças?</i>▪ Escrever as opiniões dos participantes em uma lousa <p>Objetivo: construir uma visão comum dos menores, destacando suas características positivas</p>
Encerrar a reunião	
Materiais	<p>Lousa para escrever em “O que espera deste seminário?” “Como são as crianças?”</p> <p>Conjunto de cartas “Quando éramos crianças” (Anexo 2.A)</p>

⁹Este seminário se baseia em um apresentado no documento:

Guia Básica de Prevención del Abuso Sexual Infantil (Corporación ONG Paicabí Gobierno Regional Quinta Región Servicio Nacional de Menores Quinta Región, 2002; par. “3. Unidad didáctica: prevención del abuso sexual infantil”).

Encontro 2: Como podemos cuidar das crianças?

Seções	Modalidade
Boas vindas	Boas vindas aos participantes
Identificar as atitudes de cuidado e proteção às crianças	<ul style="list-style-type: none">▪ Dividir os participantes em dois grupos (máximo 8 participantes).▪ Atribuir a cada grupo uma “Situação exemplo” de casos de conflitos familiares que serão encenadas (Anexo 2.B) Pedir a cada grupo que prepare uma pequena encenação da “Situação”. Dar tempo suficiente para concluir a atividade.▪ Cada grupo apresenta a “Situação” aos outros grupos.▪ Uma vez apresentados todos os episódios, o Orientador pede ao grupo que identifique os comportamentos ou atitudes de cuidado ou proteção que os participantes tiveram em cada situação. O Orientador registra em uma lousa todas as opiniões expressas pelos participantes. <p>Objetivo: fazer com que os participantes compreendam a noção de proteção aos menores com base nos episódios que podem ocorrer na família, favorecendo a identificação das condições de vulnerabilidade que podem ser causadas por uma atitude errônea dos adultos.</p>
Resumo	O Orientador apresenta as atitudes protetoras básicas dos pais/mães ou cuidadores com base na informação que consta nos anexos 2.B e 2.C.
Encerrar a reunião	
Materiais	Cópias do Anexo 2.B Lousa Lista de atitudes protetoras básicas dos pais/mães ou cuidadores (Anexo 2.C) Marcadores ou canetas

Encontro 3: E quanto ao abuso sexual?

Seções	Modalidade
Boas vindas	Boas vindas aos participantes
Quem é a vítima?	<ul style="list-style-type: none">▪ Dividir o grupo em dois e a cada pequeno grupo se atribui um caso de abuso sexual para que o examine. (Anexo 2.D: Quem é a vítima?)▪ Pedir que cada grupo leia o caso cuidadosamente e que preencha o Modelo de trabalho em grupo (Anexo 2.E). Cada grupo deve sugerir ações específicas na coluna vazia do protocolo.▪ Um grupo completará a coluna de comportamento inapropriado e o outro a coluna de comportamento apropriado.▪ O Orientador deve pedir a cada grupo que seja o mais específico possível nas sugestões, indicando os comportamentos ou atitudes específicas que devem ser adotadas.▪ Finalmente, o Orientador cria colunas de comportamento apropriado e inapropriado, e as completa a partir do que cada grupo disse.
Resumo	<p>O Orientador comenta com o grupo a relevância da primeira medida tomada pelos adultos diante da primeira suspeita ou indício de abuso sexual de uma criança. (Ver as instruções para o orientador no Anexo 2.D)</p> <p>Nota: O orientador também pode falar sobre algumas consequências do abuso sexual nas crianças (Ver Tabela 2 - Consequências dos abusos sexuais).</p>
Encerra a reunião	
Materiais	<p>Cópia do Anexo 2.D: Quem é a vítima?</p> <p>Modelo de trabalho em grupo (Anexo 2.E)</p> <p>Lousa</p> <p>Marcadores ou canetas</p>

Encontro 4: Aprendemos a nos cuidar

Seções	Modalidade
Boas vindas	Boas vindas aos participantes
Aprendemos a nos cuidar	<ul style="list-style-type: none">Dividir os participantes em dois pequenos grupos.Dar a cada grupo um conjunto de cartas "Aprendemos a nos cuidar" (Anexo 2.F). Cada participante deve tirar um cartão e indicar se está de acordo ou não com o que está escrito nele. O grupo discute isto selecionando as declarações sobre as que houve consentimento e as que não houve.Finalmente, cada grupo apresenta seu trabalho ao restante do grupo. O Orientador recolhe as informações de cada grupo e coloca os cartões na posição definida por cada grupo. <p>Objetivo: identificar os comportamentos que educam os menores para o cuidado e a proteção.</p>
Resume	O Orientador compartilha com o grupo os comportamentos que educam as crianças no âmbito de seus direitos e apresenta os Direitos Fundamentais da Criança com base no Documento "Direitos dos Menores" (Anexo 2.G).
Encerramento da reunião	Pedir aos participantes que façam uma avaliação geral do seminário e que deem sua opinião sobre elementos específicos. Utilizar o questionário do Anexo 1.F.
Materiais	Conjunto de cartas "Aprendemos a nos cuidar" (Anexo 2.F) Lousa Anexo 2.G Documento "Direitos dos Menores". Anexo 1.F: Questionário de avaliação da atividades (Seminário 1) Marcadores ou Canetas

Material do Seminário 2 "Autocuidado do menores"

Anexo 2.A: Conjunto de cartões "Quando éramos crianças"

Meu brinquedo favorito quando criança era...	A pior travessura que fiz na escola foi...
O aniversário mais bonito que lembro de criança...	Uma mentira que disse quando criança...
O presente de Natal mais bonito que recebi foi...	O que mais gostava de brincar quando criança...
Meu melhor amigo de infância...	Uma pequena brincadeira que fiz aos meus pais quando era criança...
O que mais me envergonhava quando era criança...	Quando era criança, a escola era...
Quando era criança tinha medo de...	Quando era criança durante as férias escolares eu gostava de...

Anexo 2.B: Identificação das atitudes de cuidado e proteção às crianças

Situação Nº 1

Maria tem 9 anos. Quando chega em casa da escola não quer comer, mas sua mãe a repreende e diz que coma de qualquer maneira. Depois de comer Maria se tranca no quarto, sua mãe a ouve chorar e lhe pergunta o que acontece. Maria diz que alguns meninos na escola zombam dela colocando apelidos nela e que, mesmo ela dizendo à professora, ninguém faz nada.

Esta manhã, enquanto a aborreciam, Maria respondeu com um insulto, mas sua professora escutou e a castigou. Sua mãe se irritou com ela, ameaçou contar a seu pai o que havia acontecido e disse que ela terá que explicar seu mal comportamento na escola. Maria respondeu a mãe gritando que não queria ir à escola e se trancou no quarto a tarde toda.

Situação Nº 2

Carlos tem 11 anos e tem constantes problemas de comportamento na escola. Chamaram sua mãe na escola porque o professor queria falar com ela. Nesta reunião estavam o professor, a diretora, sua mãe e Carlos. O professor e a diretora dizem que houve roubos durante o ano escolar e que Carlos é suspeito deles, pelo que será suspenso temporariamente da escola.

A mãe repreende a Carlos diante do professor e da diretora. Carlos tenta fazê-los entender que ele não fez isso e que sabe quem é o verdadeiro culpado. Quando pedem que diga quem é, Carlos se nega porque teme que o apontem como “dedo duro”. A diretora lhe dá um ultimato, por isso será suspenso até que revele o nome do responsável dos roubos.

Em casa, a mãe de Carlos o castiga, proibindo-o de ver televisão e sair. Carlos tenta explicar para sua mãe que não é sua culpa, mas sua mãe não acredita e manterá o castigo até que devolva as coisas roubadas. Quando o pai de Carlos chega e sua mãe explica o que aconteceu, lhe dá uma bofetada e confirma o castigo.

Indicações para o Orientador

Para ajudar aos participantes do seminário a compreender o significado desta atividade é importante que o orientador os ajude a entender que as crianças são dignas de confiança e têm direito a ser respeitados como os adultos. Passar esta mensagem lhes dará a confiança para confiar no outro e dizer como se sentem ou se estão passando por um momento difícil, o que contribui para um desenvolvimento psicológico e relacional saudável. Alguns pressupostos importantes que transmitem o cuidado e a proteção das crianças são:

- Uma criança com a qual se constroi uma relação de confiança dirá a verdade mais facilmente.
- Uma criança que é respeitada é uma criança que aprende a respeitar.
- Uma criança que sabe que está protegida e cuidada tem mais probabilidade de se tornar uma criança segura.
- Uma criança a quem se permite expressar suas emoções é uma criança mais fácil de entender o que está acontecendo.

Anexo 2.C: Identificar as atitudes de cuidado e proteção para com os menores

- Escutar ativamente a criança, sem interromper sua história.
- Não questionar sua história.
- Manter a calma em situações de conflito.
- Proporcionar alternativas ao problema que se apresenta.
- Confirmar que há gente que protege e cuida da criança.
- Agradecer à criança por contar o que aconteceu.
- Dar apoio emocional se a criança está assustada, confusa ou nervosa.
- Não desvalorizar ou zombar da criança quando expressar o que sente.

CASO: MARTA

Marta tem 13 anos, seus pais estão separados há dois anos, pois seu pai bêbado tentou bater em sua mãe e em Marta. A mãe apresentou uma denúncia e seu pai foi tirado de casa por ordem judicial. Desde então, o pai tentou ver Marta ao sair da escola ou segui-la em seu caminho para casa. Marta falou com sua mãe sobre ele e disse que não fizesse nada a respeito.

O pai solicitou o direito de visita no tribunal e conseguiu a cada dois finais de semana. Depois de uma dessas visitas, que consistiu em uma caminhada de umas três horas, Marta chegou em casa chorando e disse à mãe que o pai a levou em um lugar escuro perto de casa, que estava meio bêbado e tentou tocá-la. Enquanto ela resistia, ele bateu nela e disse que não contasse a ninguém. A mãe reagiu à história da filha gritando desesperadamente e correu para contar para a avó de Marta que vive com elas. A avó repreendeu Marta e bateu nela porque saiu com o pai apesar das advertências que lhe davam do quanto o pai era mau. Marta chora de medo; sua mãe lhe diz que não iria dizer a ninguém mais o que aconteceu.

Indicações para o Orientador

- A experiência do abuso sexual do menor é uma experiência muito complexa e nociva.
- O menor que sofre abuso sexual é uma “vítima” sem nenhum tipo de responsabilidade pelo ocorrido.
- Se um menor informa de sua situação de abuso sexual, não deve haver dúvidas sobre o que diz, já que é muito difícil que minta sobre isso.
- Cada menor necessita do cuidado e da proteção dos adultos. Todos somos responsáveis pela segurança dos membros desta sociedade.

Anexo 2.E: Modelo de trabalho em grupo

Comportamentos apropriados	Exemplos
<ul style="list-style-type: none">▪ Manter a calma▪ Acreditar na criança▪ Deixar claro que uma solução será encontrada▪ Dizer que a criança será protegida▪ Agradecer à criança por dizer a verdade▪ Ser afetuoso/a▪ Outros	

Comportamentos inapropriados	Exemplos
<ul style="list-style-type: none">▪ Perder a calma▪ Duvidar da criança▪ Reagir exageradamente à situação▪ Zombar ou desvalorizar da criança▪ Culpar a criança pelo que passou▪ Dar uma bronca ou castigar a criança▪ Silenciar a criança, dizer para que não volte a contar▪ Outros	

Anexo 2.F: Conjunto de cartas “Aprendemos a nos cuidar”

1. Há crianças que mentem sempre, por isso temos que duvidar do que dizem até ter certeza do que dizem.	2. As crianças buscam o perigo.
3. Há crianças que adoram provocar os adultos.	4. Crianças que se sentem seguras e confiantes são assim porque são bem cuidadas em casa.
5. Quando um menor se mete em problemas temos que deixar que saia sozinho deles para que aprenda.	6. Quando um criança chora geralmente é por capricho.
7. Quando um menor se comporta mal geralmente é para chamar atenção.	8. Quando um menor muda bruscamente sua maneira de ser é porque algo está acontecendo.
9. Os meninos ou meninas que não querem ir à escola são fracos.	10. Existe uma idade em que as crianças já se cuidam sozinhas.
11. Deve-se ensinar às crianças como resolver seus problemas para que aprendam, quando forem maiores.	12. As crianças sempre sabem o que fazem.
13. Deve-se evitar falar dos problemas de casa diante aos filhos pois podem não compreender.	14. Deve-se explicar às crianças quando existe algum problema em casa com palavras que possam entender.
15. Quando as crianças fazem perguntas é para incomodar os adultos.	16. Deve-se sempre dizer às crianças que os adultos existem para cuidar e protegê-las.

Indicações para o Orientador

Como já foi mencionado, os menores são pessoas dignas de confiança e respeito como os adultos. É essencial que os menores sejam escutados, respeitados e vistos. Isto dará a eles confiança para se abrirem ou dizer o que está acontecendo.

Nesta atividade, o importante não é tanto que o orientador indique quais exemplos são positivos e quais não, mas que todos os participantes troquem ideias e opiniões sobre que atitudes são positivas para as crianças e quais não. A seguir, são dadas algumas indicações sobre como tratar os distintos exemplos.

- As situações 1, 2, 3, 6, 9, 15 não dão uma imagem positiva ou real de como são e atuam as crianças;
- As declarações 4, 8, 11, 14, 16 são positivas para as crianças e contribuem para um desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo saudável;
- Na página seguinte, são explicadas as declarações 5, 7, 10, 12 e 13, já que podem ser positivas ou negativas dependendo do ponto de vista em que sejam tratados.

5. Quando um menor se mete em problemas se deve deixar que saia sozinho para que aprenda.

É bom que quando uma criança tenha problemas, os pais não os solucionem por ela. Por outro lado, é muito importante que as crianças se sintam apoiadas pelos pais e outras figuras educativas quando tenham problemas, para que reforcem a confiança e possam resolver seus próprios problemas.

7. Quando um menor se comporta mal geralmente é para chamar atenção.

Quando uma criança se comporta mal, o mais fácil é castigá-la e pensar que é “mau”. Entretanto, a criança está mostrando que algo está acontecendo. No entanto, é muito importante poder falar com a criança com calma e confiança, e entender porque está adotando uma certa atitude negativa, a fim de ajudar ou apoiar em momentos de dificuldade.

10. Existe uma idade em que as crianças já se cuidam sozinhas.

A medida que crescem e amadurecem, as crianças se tornam mais independentes na tomada das próprias decisões e no cuidado de si mesmas. Por outro lado, uma criança não deve ter a plena responsabilidade de seu próprio cuidado, que deve continuar depositado nos pais/mães ou cuidadores.

12. As crianças sempre sabem o que fazem.

As crianças a partir de uma certa idade (2 anos) desenvolvem a capacidade de entender como funcionam as coisas e as consequências de suas ações. Entretanto, existem alguns aspectos que eles não são plenamente conscientes até a idade adulta, então não se pode assumir que uma criança é sempre plenamente consciente do que está fazendo.

13. Deve-se evitar falar dos problemas de casa diante dos filhos porque eles podem não compreender.

As crianças são muito sensíveis ao que acontece ao redor, especialmente se tiver relacionado com seus pais e sua família. Em geral, é importante explicar a elas, caso haja dificuldades na família, através de uma linguagem tranquilizadora que possam entender, porque limitará suas fantasias e medos e aumentará sua sensação de segurança.

Anexo 2.G: Documento "Direitos dos Menores"

Os menores têm direito:

- À vida
- À proteção
- A serem protegidos e cuidados física e emocionalmente
- A estudar
- A viver em uma casa
- A brincar e se divertir
- A expressar sua opinião
- A ter uma dieta saudável
- À proteção de qualquer forma de abuso físico, emocional, ou sexual

